

VIOLÊNCIA E GÊNERO EM TEXTOS JORNALÍSTICOS

Maria Cristina Macedo Alencar¹
Katerine da Cruz Leal Sonoda²

Resumo

Objetivou-se investigar como reportagens do jornal Correio do Tocantins/Correio de Carajás contribuem para a produção de sentidos sobre masculinidades e violência contra mulher. A constituição do *corpus* analisado se realizou por meio de pesquisa documental com a leitura de todas as edições do jornal Correio do Tocantins, publicadas no ano de 2006, e todas as edições do jornal Correio de Carajás, publicadas no ano de 2016. Verificou-se que existe um número maior de reportagens sobre violência contra a mulher publicadas nas edições do ano de 2016. São poucos os casos de violência cometidos pelas mulheres contra seus parceiros. Concluiu-se que os textos jornalísticos participam do processo de construção de significados sobre diversos fenômenos sociais, entre eles a violência. Os textos jornalísticos ao mesmo tempo produzem sentidos sobre masculinidades e contribuem para a manutenção ou modificação de ideologias em nossa sociedade sobre a violência doméstica e a violência contra a mulher.

Palavras-chave: gênero; violência; violência contra mulher; masculinidades; mídia.

Abstract

This article aimed to investigate how reports in the newspaper Correio do Tocantins/Correio de Carajás contribute to the production of meanings about masculinities and violence against women. The constitution of the analyzed corpus was accomplished through documentary research with reading of all editions of the newspaper Correio do Tocantins published in 2006 and all editions of the newspaper Correio de Carajás, published in 2016. It was found that there is a greater number of reports on violence against women published in the 2016 editions. There are few cases of violence committed by women against their partners. It was concluded that the journalistic texts participate in the process of building meanings about several social phenomena, including violence. Journalistic texts at the same time produce meanings about masculinities and contribute to the maintenance or modification of ideologies in our society about domestic violence and violence against women

Keywords: genre; violence; violence against women; masculinities; Media

¹ Pesquisadora Professora Adjunta da Universidade Federal do Sul e Sudeste do Pará (UNIFESSPA). Doutora em Linguística (UFSC/SC), com estadia de pesquisa no Seminário de Romanística da Universidade de Heidelberg (Alemanha). Mestre em Linguística Aplicada (UNICAMP/SP). Bacharel em Psicologia (Unifesspa). Licenciada plena em Letras (UFPA). Exerce liderança compartilhada no Grupo de Estudos Interculturais das Amazônias (GEIA/CNPq/UNIFESSPA).

² Pesquisadora e Professora Adjunta da Universidade Federal do Sul e Sudeste do Pará (UNIFESSPA). Pesquisadora colaboradora da Universidade de Brasília (UNB). Psicóloga pela Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ - 2009). Mestre em Saúde Pública pela Escola Nacional de Saúde Pública Sérgio Arouca (ENSP/Fiocruz - 2012), na área de concentração Violência e Saúde. Doutora em Psicologia Clínica e Cultura pela Universidade de Brasília (UNB - 2017), com período Sanduíche na Universidad Complutense de Madrid (2015-2016), onde foi Professora Visitante.

Introdução

A pesquisa que subsidiou a escrita deste artigo teve como foco os discursos sobre a violência contra a mulher e como estes também veiculam sentidos sobre masculinidades. Mas, afinal como os Estados-nação definem violência contra a mulher? A Declaração das Nações Unidas (ONU) sobre a Eliminação da Violência contra a Mulher (Res.48/104/1993 ONU) no Artigo 1º define como violência contra a mulher “qualquer ato de violência baseado no gênero que causa, ou pode causar, dano físico, sexual ou mental ou sofrimento à mulher, incluindo a ameaça de tais atos, coerção ou privação arbitrária da liberdade, quer ocorra na vida pública ou privada” (p.04). No artigo 2º desse documento são caracterizados esses atos de violência:

A violência contra as mulheres abrange os seguintes atos, embora não se limite aos mesmos:

- a) *violência física, sexual e psicológica ocorrida no seio da família*, incluindo os maus tratos, o abuso sexual das crianças do sexo feminino no lar, a violência relacionada com o dote, a violação conjugal, a mutilação genital feminina e outras práticas tradicionais nocivas para as mulheres, os actos de violência praticados por outros membros da família e a violência relacionada com a exploração;
- b) *violência física, sexual e psicológica praticada na comunidade em geral*, incluindo a violação, o abuso sexual, o assédio e a intimidação sexuais no local de trabalho, nas instituições educativas e em outros locais, o tráfico de mulheres e a prostituição forçada;
- c) *violência física, sexual e psicológica praticada ou tolerada pelo Estado*, onde quer que ocorra (Res.48/104/1993 ONU, p. 05, grifo nosso).

No Brasil foi sancionada no ano de 2006, a partir de muitas mobilizações do movimento feminista no país, a Lei 11.340/06, a chamada Lei Maria da Penha. Esta trata especificamente da violência doméstica ou familiar contra a mulher, definindo-a no artigo 5º dessa lei como “qualquer ação ou omissão, *baseada no gênero*, que cause morte, sofrimento físico, sexual ou psicológico e dano moral e patrimonial, no âmbito da unidade doméstica, da família e em qualquer relação íntima de afeto, em que o agressor conviva ou tenha convivido com a agredida” (grifo nosso).

Note-se a complexidade da temática na qual se imbricam conceitos como violência contra a mulher, violência doméstica e o conceito de violência de gênero. A violência de gênero se caracteriza por ser um tipo de violência contra uma pessoa em função de seu gênero. Esse tipo de violência inclui as agressões de companheiros, agressões físicas ou sexuais de pessoas estranhas, mutilação genital, infanticídios, feminicídios etc. Em função dessas semelhanças nas definições e de não se ter um

consenso entre elas, observa-se que muitas vezes são tratados como sinônimas, equivocadamente, as expressões violência contra mulheres e violência de gênero.

A categoria de “gênero” foi central em nosso estudo, posto que as violências de gênero, violências contra as mulheres e violências domésticas se realizam calcadas – e muitas vezes justificadas- nas relações de poder sustentadas pelos padrões machistas e patriarcais da sociedade brasileira. Desse modo, nossas análises se assentaram em estudos sobre o gênero social como uma categoria de análise. Isto é, o “gênero” enquanto uma construção social, cultural, uma maneira de se refletir e compreender os sistemas de relações entre homens e mulheres fora da lógica de dominação-submissão (SCOTT, 1995). Nesta perspectiva tem-se o “gênero” como uma categoria que possibilita compreender as micro relações de poder, já que “homens e mulheres se constituem como tais nas relações que engendram, fragmentados” (SCOTT, 1995, p. 86). Nesse sentido, em suas relações sociais, atravessadas por diferentes discursos, símbolos, representações e práticas, os sujeitos vão se construindo como masculinos ou femininos, arranjando e desarranjando seus lugares sociais, suas disposições, suas formas de ser e de estar no mundo, os gêneros se constituem nas e pelas relações de poder (LOURO, 1997, p. 30).

O “gênero” como aporte teórico para pensar as situações de violência contra mulheres, relacionalmente, nos colocou diante do campo dos estudos sobre “masculinidades”. Segundo Karla G. Adrião (2005) os estudos sobre masculinidades surgiram no contexto dos estudos de gênero e refletem sobre “as especificidades do *ethos* masculino” (p. 02), sobre a construção de subjetividades masculinas. Essas investigações, em sua maioria, são investigações sobre os homens em uma perspectiva relacional.

A autora destaca que a constituição desse campo de estudos não se deu sem críticas. A principal delas destacava que os estudos sobre masculinidades produziam uma inversão no campo dos estudos feministas e de gênero, mudando o foco dos estudos sobre mulheres para estudo sobre os homens (ADRIÃO, 2005, p. 10). As respostas a tais críticas enfatizavam que os estudos sobre masculinidades deveriam ter o gênero como aporte teórico, logo, as investigações precisariam ser orientadas por uma análise relacional (COSTA, 2002).

O campo das pesquisas sobre “masculinidades” surgiu no Brasil a partir dos anos 1990 e pode ser compreendido a partir de duas linhas de investigação: a que foca numa dita “crise do masculino”, também denominada “vitimista”, e outra que investiga as várias

formas de construção do masculino, destacando as relações de poder envolvidas nessas construções (COELHO; CARLOTO, 2007, p. 396).

Os argumentos a favor da constituição dos estudos sobre masculinidades têm sido fortalecidos com o reconhecimento e orientações de órgãos internacionais como a OMS e a ONU, que informam da necessidade da mudança dos padrões de comportamentos masculinos para que se tornem possíveis a melhoria dos indicadores de saúde das mulheres no mundo (Cf. ONU, 1994).

Nossa análise objetivou, assim como muitos outros estudos nesse campo, compreender a construção das masculinidades no âmbito dos estudos que têm o “gênero” como uma categoria de análise, de modo a conhecer elementos envolvidos na construção de masculinidades nos discursos jornalísticos que noticiam situações de violência contra mulheres e assim contribuirmos na compreensão da realidade local e de ações que objetivem a equidade nas relações de gênero. Como objetivos específicos, destacaram-se: 1) realizar levantamento de reportagens nas páginas policiais do Jornal Correio de Tocantins-Correio de Carajás que tratassem de situações de violência contra mulher e 2) analisar os significados da violência contra a mulher e discursos sobre masculinidades produzidos nas reportagens a partir do referencial teórico adotado.

Metodologia

Charaudeau (2006) nos lembra de que os veículos de comunicação de massa não estão isentos de interesses de classe e de uma dada posição ideológica. De forma que o ato simbólico de produção da linguagem e de discursos materializa também subjetividades. Analisar os significados da violência contra a mulher e de masculinidades no discurso midiático é um exercício teórico e metodológico importante para a compreensão do processo social de construção de sentidos, observando como as ideologias são construídas e mantidas *na e pela* linguagem.

A pesquisa realizada foi qualitativa do tipo reconstrução de processos sociais (ALONSO, 2016). O estudo foi realizado no acervo da Casa da Cultura de Marabá, no qual existe um arquivo documental de todos os jornais já publicados na cidade de Marabá e onde localizamos todos os exemplares do Jornal Correio do Tocantins- Correio de Carajás.

Coleta de dados

A coleta de dados foi realizada por meio de pesquisa documental com leitura de todas as edições impressas do jornal, levantamento inicial das matérias que veiculavam situações de violência cometida por casais com relacionamento afetivo. Essas matérias foram identificadas pelos títulos observando, por exemplo, expressões como “marido mata...”, “mulher mata marido”, “Mulher morta...”, “mulher espancada...”, “mulher apanha...”, sendo posteriormente tabuladas. Em seguida passamos à leitura e análise de cada matéria para sistematização das informações a partir dos pressupostos teórico-metodológicos da Análise de Conteúdo e do Discurso.

O *corpus* analisado é constituído de 63 reportagens: 26 publicadas no ano de 2006 e 37 publicadas no ano de 2016. Todas as reportagens foram publicadas no Caderno de Polícia do Jornal Correio do Tocantins-Correio de Carajás.

Análise dos dados

Analisamos os discursos produzidos sobre violência contra a mulher e construção de masculinidades, nas matérias veiculadas no intervalo de uma década, no jornal Correio do Tocantins-Correio de Carajás. Assumimos nesse trabalho que:

O discurso é um laço social que não se reduz à soma das suas falas individuais, mas é uma espécie de condição de possibilidade para um conjunto de enunciados possíveis. Cada dado ou material discursivo é, em sua estrutura mínima, uma composição de elementos linguísticos que comportam, pelo menos virtualmente, a emergência do sujeito (DUNKER; PAULON; MILÁN-RAMOS, 2016, p.17).

Procedemos tanto à uma análise quantitativa dos dados quanto a análise qualitativa a partir do uso do instrumental analítico da Análise de Conteúdo que, segundo Laurence Bardin (1997) objetiva fazer deduções lógicas que se referem às origens das mensagens considerando o emissor e o contexto, ou ainda os efeitos dessas mensagens. Trata-se de “Um conjunto de técnicas de análise das comunicações visando obter, por procedimentos sistemáticos e objetivos de descrição do conteúdo das mensagens, indicadores (quantitativos ou não) que permitam a inferência de conhecimentos relativos às condições de produção/recepção (variáveis inferidas) destas mensagens (BARDIN, 1997, p. 42).

Resultados e discussão

Conforme mencionado anteriormente os dados gerados nessa pesquisa foram



produzidos a partir da análise de reportagens publicadas no Caderno de Polícia, nos anos de 2006 e 2016, nos Jornais Correio do Tocantins e Correio de Carajás, da cidade de Marabá, no estado do Pará. Consideramos importante apresentar uma leitura dos dados quantitativos gerados na sistematização dos dados, pois nos apresentam informações importantes sobre o contexto local no qual as situações de violência ocorreram. Após a explanação desses dados adentramos a interpretação das reportagens por meio da Análise de Conteúdo e de Discurso.

Os dois jornais pesquisados publicavam três edições semanais que somaram um total de 288 edições pesquisadas; 144 publicadas no Jornal Correio do Tocantins, no ano de 2006 e 144 publicadas no Jornal Correio de Carajás, no ano de 2016. Nas 144 edições do ano de 2006 foram identificadas 24 edições nas quais foram publicadas 26 reportagens sobre violência doméstica. Dessas 26 reportagens, 20 noticiavam situações de violência em que os homens eram os agressores e em 06 reportagens as mulheres eram as agressoras. Esses dados constam no quadro 01 a seguir:



Quadro 01: Reportagens sobre violência doméstica publicadas no ano de 2006- Jornal Correio do Tocantins.

Nº	Título	Data	Motivação declarada na reportagem
01	Mecânico enciumado atira na ex-mulher e depois se mata	03 a 06/02/2006	Ciúmes e não aceitação do fim do relacionamento
02	Pai desnaturado mata filho de 8 meses após brigar em casa	07-10/04/2006	Briga com a esposa e abstinência de maconha
03	Pai desnaturado mata filho de 8 meses e é linchado por populares	11-13/04/2006	Recorrência de violência doméstica
04	Marido traído mata mulher com três facadas	18-20/04/2006	Ciúme. Acusado alega ter sido traído
05	Mulher grávida de seis meses é assassinada a machadada	16-18/05/2006	Não mencionada- suposição de violência sexual cometida contra a filha da vítima pelo agressor. Suspeito o parceiro da vítima
06	Marido embriagado espanca mulher com panela de pressão	13-15/06/2006	Marido bêbado queria dinheiro guardado e a mulher não deu.
07	Homem não aceita separação e mata mulher a facadas	11-13/07/2006	Não aceitação do fim do relacionamento
08	Marido esfaqueia mulher por recusa de sexo	11-13/07/2006	Agressor não aceitou mulher dizer não ao sexo e alegar cansaço.
09	Mulher mata com facada no peito marido que estava dormindo	21-24/07/2006	Ciúmes e histórico de ameaças de morte da vítima contra a agressora
10	Mais uma mulher mata marido a golpe de faca	25-27/07/2006	Discussão entre o casal
11	Rapaz atira em mulher por ciúme	08-10/08/2006	Ciúmes- recorrência de violência doméstica
12	Polícia pede prisão preventiva de acusado de matar namorada	11-14/08/2006	Ciúme, brigas recorrentes e recorrência de violência doméstica
13	Marido ameaça matar mulher com espingarda	11-14/08/2006	Ameaça de morte; marido alega que a mulher estava brigando porque ele bebia com amigos
14	Ex-marido mata mulher que recusou voltar a seus braços	15-17/08/2006	Não aceitação do fim do relacionamento, ciúmes
15	Homem espanca esposa e mata filha adotiva	22-24/08/2006	Discussão entre o casal
16	Acusado da morte de jovem diz que atirou brincando de roleta russa	01-04/09/2006	Acusado afirma ter sido acidente. Familiares relatam recorrência de ameaças e violência doméstica.
17	Briga de casal leva marido a atear fogo na casa de morada	12-14/09/2006	Acusado bêbado, vingança contra a esposa.

18	Depois de várias agressões, homem enciumado mata companheira	19-21/09/2006	Ciúmes, recorrência de violência doméstica
19	Marido infiel mata amante/Homem casado mata amante por ciúme na frente dos filhos	20-23/10/2006	Ciúme, recorrência de violência doméstica
20	Homem que matou parceira a facadas vai a julgamento hoje	31/10 a 02/11/2006	Ciúme. Acusado alega ter sido traído
21	Mulher acorda marido jogando água gelada e acaba sendo espancada	10-13/11/2006	Raiva do marido por ser acordado com água gelada; recorrência de violência doméstica
22	Mulher é presa após esfaquear companheiro	01-04/12/2006	Legítima defesa. Inquérito aberto por tentativa de homicídio
23	Mulher confessa que matou o marido e jogou o corpo dentro de uma fossa	05-07/12/2006	Defender a filha menor de estupro pelo parceiro.
24	Juiz mantém flagrante de mulher que matou marido	08-11/12/2006	Defender a filha menor de estupro pelo parceiro.
25	Bateu na mulher em pé e pediu perdão ajoelhado/machão agride mulher e pede perdão de joelhos	22-26/12/2006	Ciúmes. Não aceitação do fim do relacionamento, recorrência de violência doméstica
26	Homem é morto a faca pela própria mulher	27/12/2006 a 04/01/2007	Recorrência de mútuas violências, mulher traía o marido e fugiu com o amante

Fonte: Pesquisa Documental



Observe-se que em 77% das notícias os homens são os agressores. Em leitura flutuante dos títulos das reportagens percebe-se que existe uma criatividade nas formas de violência cometidas por esses homens tais como: tiro, espancamento, espancamento com panela de pressão, facada, machadada, atear fogo na casa, matar o filho ou enteado. Enquanto as violências cometidas por mulheres foram realizadas com uso de arma branca (faca). Os homens agressores são caracterizados nesses mesmos títulos das reportagens como: mecânico enciumado, pai desnaturado, marido traído, marido embriagado, marido infiel, machão.

Já das 144 edições analisadas no ano de 2016, foram identificadas 33 edições nas quais 37 reportagens noticiavam situações de violência doméstica. Em 33 dessas reportagens os homens eram os agressores e em quatro reportagens as mulheres eram as agressoras. Observe-se o quadro 02 com as informações das reportagens identificadas:

Quadro 02: Reportagens sobre violência doméstica publicadas no ano de 2016- Jornal Correio de Carajás.

Nº	Título	Data	Motivação declarada na reportagem
01	Homens atacam esposas e uma acaba assassinada	05-06/01/2016	Recorrência de violência doméstica/ não informado (a reportagem trata de dois casos)
02	Preso por agredir namorada, homem confessa dois homicídios	23-25/01/2016	Não informado
03	Homem é preso acusado de agredir a mulher a martelada	26-27/01/2016	Não informado
04	Homem é acusado de arrombar a porta da ex	04-05/02/2016	Recorrência de violência doméstica
05	Preso homem que jogou água fervente na mulher	13-15/02/2016	Discussão entre o casal, recorrência de violência doméstica. Acusado alega que a mulher é “explosiva e violenta”
06	Homem é preso por incendiar quarto onde estava a família	16-17/02/2016	Embriguez e agressividade do acusado
07	Após dois meses jovem é preso: Jonas atirou na cabeça da namorada que estava grávida, porém ela e o bebê sobreviveram	20-22/02/2016	Discussão entre o casal; Recorrência de violência doméstica Acusado alega disparo acidental
08	Homem que espancou mulher terá que manter distância	25 e 26/02/2016	Não informado
09	Acusado de agredir a companheira ainda é flagrado com uma faca	08-09/03/2016	Não informado
10	Homem não aceita separação e tenta matar ex-mulher	26-28/03/2016	Não aceitação do fim do relacionamento. Recorrência de violência doméstica
11	Matou esposa idosa e enterrou no quintal de casa	30-04 a 02-05/2016	Relacionamento conturbado
12	Mulher atira no marido	17-18/05/2016	Legítima defesa. Recorrência de violência doméstica
13	Homem mata esposa e irmão atira contra o outro	24-25/05/2016	Ciúme, recorrência de violência doméstica e ameaça de morte
14	Vítima denuncia agressor à polícia	28-30/05/2016	Embriguez, ciúmes. O acusado alega legitima defesa
15	Homem preso por ameaçar a ex-companheira	02-03/06/2016	Não aceitação do fim do relacionamento
16	Preso acusado de furto e violência doméstica	04-06/06/2016	Discussão entre o casal, recorrência de violência doméstica. Acusado alega legitima defesa
17	Procurado por feminicídios	09-10/06/2016	Ciúme, recorrência de violência doméstica e ameaça de morte

18	Mulher pode ter sido morta pelo marido	18-20/06/2019	Ciúme, ameaça de morte
19	Mulheres são assassinadas a golpes de faca em Altamira	28-29/06/2016	Agressor alega traição
20	Desaparecida é encontrada morta: necropsia aponta que mulher foi morta por golpes de arma branca. Familiares desconfiam do ex-namorado da vítima	09-11/07/2016	Não aceitação do fim do relacionamento
21	Inconformado, homem tenta matar sogra e ex-mulher a facadas	21-22/07/2016	Não aceitação do fim do relacionamento
22	Homem confessa agressão e fica preso	28-29/07/2016	Embriaguez, recorrência de violência doméstica
23	Jovem é executada perto da escola onde estudava	30-31/08/2016	Suspeita sobre o ex-namorado- não aceitação do fim do relacionamento
24	Polícia aguarda por denúncias	01-02/09/2016	Não aceitação do fim do relacionamento
25	PM prendeu homem acusado de agredir mulher	15-16/09/2016	Não informado
26	Homem tentou matar a ex	27-28/09/2016	Não aceitação do fim do relacionamento, recorrência de violência doméstica e ameaças de morte
27	Mulher é morta pelo namorado durante a madrugada	06-07/10/2016	Ciúme, discussão entre o casal
28	Acusada de matar o marido é presa	08-10/10/2016	Não informado
29	Ronda policial- ameaça	15-17/10/2016	Não aceitação do fim do relacionamento
30	Ronda policial- agressão	15-17/10/2016	Não aceitação do fim do relacionamento, embriaguez
31	Ronda policial- violência	08-09/11/2016	Discussão, legítima defesa
32	Ronda policial- agressão	08-09/11/2016	Não informado
33	Mulher é presa por atentar contra o companheiro	15-16/11/2016	Embriaguez, discussão entre o casal
34	Ex-companheiro se entrega, assume e conta os detalhes (caso Valéria)	24-25/11/2016	Não aceitação do fim do relacionamento, recorrência de violência doméstica
35	Acusado de matar mulher condenado	24-25/11/2016	Recorrência de violência doméstica
36	Homem participa de audiência de custódia	03-05/12/2016	Embriaguez, recorrência de violência doméstica
37	Ameaçou a ex-esposa e foi parar na prisão	06-07/12/2016	Ciúmes, não aceitação do fim do relacionamento

Fonte: Pesquisa Documental.

Em 89% das reportagens do ano de 2016 os homens foram os agressores. As mulheres foram agressoras em 11% das reportagens. As mulheres cometeram atos de violência contra seus companheiros com o uso de arma branca (faca) e arma de fogo. Identificou-se mais uma vez uma pluralidade de formas de realizar o ato de violência contra suas companheiras por parte dos homens. Além do uso de arma de fogo e arma branca, as vítimas foram mortas a marteladas, tiveram o corpo queimado com água fervente, tiveram a casa arrombada ou incendiada pelo ex-companheiro, foram espancadas e sofreram ameaças.

Analisando as 63 reportagens publicadas nos dois anos investigados verificamos que 84% dos atos de violência foram cometidos por homens. Em 2016 aumenta o número de matérias sobre violência (37), mas diminui o número de mulheres agressoras. As formas de violência relatadas nas reportagens explicitam um desejo de aniquilamento do Outro. Esses atos foram cometidos, muitos deles, com requintes de crueldade, como nos casos em que a vítima tem o corpo ocultado em uma fossa, é assassinada a machadada ou é morta grávida ou ainda o filho da companheira e seus familiares também foram vítimas de homicídio por vingança do agressor.

Os dados nos mostram que os homens cometem mais atos de violência de que as mulheres. Uma questão que nos colocamos é por que as mulheres ocupam esse lugar de ser o maior número de vítimas de violência dos seus companheiros?

Outro aspecto importante de se destacar é que nos títulos das reportagens do ano de 2006, ano em que a Lei Maria da Penha passou a vigorar, observamos um discurso que naturalizava as violências cometidas por homens e produzia um efeito de sentido de indignação diante dos atos de violência cometidos por mulheres. Ora, isso pode ser verificado atentando para o fato de que das 26 reportagens analisadas no ano de 2006 os homens foram os autores de violências contra a esposa ou namorada em 20 reportagens. Contudo em nenhum dos títulos dessas 20 reportagens encontramos algo como, por exemplo, “Mais um homem mata a companheira” ou “Homem mata a facadas a própria mulher”.

Por outro lado, dentre as 06 reportagens que noticiam atos de violência cometidos por mulheres, existem duas cujos títulos são: “Mais uma mulher mata marido a golpe de faca” e “Homem é morto à faca pela própria mulher”. Note-se que o uso do advérbio de intensidade “mais” produz um efeito de sentido de excesso, exagero. Ou seja, produz no leitor o sentido de que são muitos os casos em que mulheres matam o companheiro. Do mesmo modo o uso do

adjetivo “próprio” anteposto à palavra “marido” também produz um efeito de intensificação do ato de violência cometido pela mulher porque leva o leitor a construir a significação num percurso que considera que o ato de violência não foi cometido contra qualquer pessoa, mas contra o “próprio marido”.

Por meio da linguagem jornalística se reforça o lugar de vítima no qual a mulher é colocada em nossa sociedade. E, na mesma medida, se reforça o lugar de agressor atribuído aos homens. Não identificamos formas linguísticas intensificadoras nos títulos das matérias cujos autores das violências são os homens. Os títulos dessas reportagens estão escritos de forma que se produz um efeito de sentido de que as violências noticiadas fazem parte do cotidiano das cidades. Não se observam o uso de marcadores linguísticos que possam ser mobilizados pelos leitores na construção de sentidos de indignação diante dos fatos noticiados. Ao contrário, as formas linguísticas que compõem os títulos dessas matérias remetem a um processo de naturalização das violências cometidas contra as mulheres noticiadas nas reportagens.

A forma como os títulos das matérias foram escritos contribui para o fortalecimento de sentidos de masculinidades hegemônicas. “[...] O masculino é investido significativamente com a posição social (naturalizada) de agente do poder da violência, havendo, historicamente, uma relação direta entre as concepções vigentes de masculinidade e o exercício do domínio de pessoas, das guerras e das conquistas” (MINAYO, 2005, p. 24).

É possível que essa forma de noticiar as violências cometidas por mulheres contra seus parceiros resulte do fato de que todos os casos de violência cometidos por mulheres viram notícia, já que são raros de acontecer. E, apesar de os casos de violência cometidos por homens contra suas companheiras serem em número muito maior, os dados oficiais demonstram que ainda há uma subnotificação por parte das vítimas e da mídia que não noticia todos os casos de violência cometidos contra mulheres. A sociedade patriarcal alimenta a veiculação de sentidos da masculinidade hegemônica e naturaliza o homem como ser violento.

A manifestação dos efeitos nocivos dessa concepção de masculinidade hegemônica que orienta as relações de gênero em nossa sociedade se observa na tabela 01 onde identificamos as motivações relatadas nas reportagens sobre as violências noticiadas.

Tabela 01: Motivações identificadas nas reportagens para as violências cometidas.

Motivação declarada na reportagem	2006 ³	2016
Ciúme	10	06
Recorrência de violência doméstica	08	14
Não aceitação do fim do relacionamento	04	10
Discussão	03	06
Traição	02	01
Recorrência de ameaça de morte	02	04
Defesa do filho	02	---
Acidente	01	01
Embriaguez	01	06
Agressividade dx companheirx	01	02
Legítima defesa	01	04
Relacionamento conturbado	01	01
Vingança	01	---
Abstinência de drogas	01	---
Raiva	01	---
Recorrência de violência mútua	01	---
Recusa da mulher ao sexo	01	---
Não informado	---	07

Observe-se que os crimes motivados por ciúme diminuíram enquanto os casos de violência que resultaram de recorrência de violência doméstica entre o casal e pela não aceitação do fim do relacionamento aumentaram. Pode-se perguntar por que, depois de uma década de vigência da Lei Maria da Penha, mulheres ainda se mantêm em relacionamentos abusivos, sofrendo violência doméstica até o ponto de sofrerem feminicídios. Por outro lado, pode-se aventar a hipótese de que o aumento das violências, por conta da não aceitação do parceiro do fim do relacionamento, indiciam que muitas mulheres deixaram de aceitar conviver com a violência doméstica e decidiram pôr fim aos relacionamentos abusivos.

³ Em algumas reportagens foram mencionadas mais de uma motivação.

Tabela 02: Número de ocorrências das motivações para a violência declaradas nas 63 reportagens por sexo da vítima.

Motivações ⁴	M ⁵	H ⁶	Nº
Recorrência de violência doméstica	22	--	22
Ciúme	15	1	16
Não aceitação do fim do relacionamento	14	--	14
Discussão	07	02	09
Não informado	05	02	07
Embriaguez	06	01	07
Recorrência de ameaça de morte	06	--	06
Legítima defesa	02	03	05
Traição	02	01	03
Agressividade dx companheirx	02	01	03
Relacionamento conturbado	02	--	02
Defesa do filho	02	--	02
Acidente	02	--	02
Vingança	01	--	01
Recusa da mulher ao sexo	01	--	01
Recorrência de violência mútua	01	--	01
Raiva	01	--	01
Abstinência de drogas	01	--	01

Observe-se que as três principais motivações para os feminicídios e as demais formas de violência noticiadas são recorrência de violência doméstica, ciúmes e não aceitação do fim do relacionamento. Importante destacar que a *recorrência de violência doméstica* e *não aceitação do fim do relacionamento* foram motivações para atos de violência só relatados nas notícias cujos agressores eram homens. De 15 reportagens nas quais o *ciúme* foi relatado como motivação para o crime, somente em uma a mulher era a agressora. Um homem relatou legítima defesa. E uma agressão foi cometida porque a mulher alegou cansaço e não quis sexo. Esses dados corroboram os estudos sobre masculinidades que têm refletido como os sentidos de masculinidades hegemônicas reforçados em nossa sociedade orientam uma relação de posse e controle sobre os corpos femininos, forjando relacionamentos que levam ao aniquilamento da mulher. “A associação da mentalidade patriarcal que realiza e re-atualiza o controle das mulheres e a rivalidade presumida entre homens estão sempre presentes nas agressões por ciúme (medo da perda do objeto sexual e social) cujo ponto culminante são os homicídios pelas

⁴ Em muitas reportagens são identificadas mais de uma motivação como por exemplo: recorrência de violência doméstica, discussão e ciúmes.

⁵ Identifica a motivação relatada nas reportagens cuja vítima foi mulher.

⁶ Identifica a motivação relatada nas reportagens cuja vítima foi homem.



chamadas “razões de honra” (MINAYO, 2005, p.24).

Para a análise qualitativa das reportagens optamos por uma escolha aleatória e decidimos analisar a primeira reportagem publicada em cada ano sobre violência cometida por homem e a primeira que noticiava uma situação de violência cometida por mulher, tendo sido analisadas quatro reportagens. Do ano de 2006 foram analisadas as matérias intituladas “Mecânico enciumado atira na ex-mulher e depois se mata”, publicada na edição de 03 a 06 de fevereiro de 2006; e a matéria “Mulher mata com facada no peito marido que estava dormindo”, cuja edição era de 21-24 de julho de 2006. Do ano de 2016 foram analisadas as reportagens intituladas “Homens atacam esposas e uma acaba assassinada”, edição de 05 a 06 de janeiro 2016; e “Mulher atira no marido”, edição dos dias 17 a 18 de maio de 2016.



Quadro 03: Análise das reportagens do ano de 2006.

Características do texto	Homem agressor	Mulher agressora
Imagens na reportagem	Imagem do agressor vivo, do corpo no local do crime, de parentes da vítima e do agressor sendo entrevistados.	Da vítima com vida.
Estrutura do texto	Reportagem inicia com informações sobre o crime: quando, onde, quem, como, por quê. Relatos de parentes da vítima e do agressor. Informações sobre a abertura do inquérito.	Reportagem inicia chamando atenção do leitor para o grande número de homicídios ocorridos em Marabá para justificar não ter noticiado, ter “passado despercebido” o crime da reportagem, ocorrido dia 17/07/2006 e só noticiado na edição da semana seguinte. Caracteriza a agressora como mulher possuída de ciúmes doentios”. Ao longo da reportagem são colocadas as informações sobre o crime e a abertura do inquérito.
Nível discursivo	Uso do discurso relatado. A narrativa é constituída de discursos diretos e indiretos livres a partir dos relatos produzidos por testemunhas e parentes da vítima e do agressor.	Uso do discurso relatado. A narrativa é constituída de discursos indiretos livres a partir dos relatos produzidos por testemunhas e parentes da vítima.
Caracterização do/a agressor/a	Nome, apelido, “mecânico”, “homem enciumado”, “homem trabalhador”, “ex-marido”.	Nome, “mulher possuída de ciúmes doentios”, “mulher enfurecida”.
Antecedentes	Ameaças de morte contra a companheira caso ela o “abandonasse”.	Discussão na véspera do crime. Embriaguez. A vítima ameaçava a agressora de morte.

Nas reportagens do ano de 2006 observa-se que os dois crimes foram cometidos, segundo a reportagem, motivados por ciúmes e que nas relações dos dois casais os homens eram violentos, com menção a ocorrência de violência doméstica e ameaças de morte por parte dos homens a suas companheiras. Outro aspecto interessante nessas matérias é notar que os homens e as mulheres, vítimas ou agressores/as têm nome e endereço. Mas somente os homens, agressores ou vítimas, têm profissão.

Contudo a organização dos textos, a linguagem utilizada para se referir aos agressores se materializa de forma diferente. E aqui vale lembrar que “a linguagem é, em si mesma, um dispositivo transformativo, do mundo e do sujeito, na clínica e na política” (DUNKER; PAULON; MILÁN-RAMOS, 2016, p.08). Como é característico do texto jornalístico identificam-se nas duas reportagens as informações básicas sobre o fato noticiado: o que, quanto, onde, como, quem, por quê. Entretanto o discurso produzido a partir das escolhas linguísticas do autor do texto e os efeitos de sentido que tais escolhas podem produzir na construção da interpretação das notícias pelo leitor são bem diferentes nas duas notícias. Na reportagem cujo agressor é um homem, esse “homem enciumado” é caracterizado como um trabalhador e apaixonado pela ex-mulher. Tal efeito de sentido é produzido com o uso do discurso direto no texto por meio da introdução de fragmentos de entrevista com dois familiares do agressor.

O autor da matéria relata, por meio do discurso indireto, as informações da irmã da vítima dando conta de que o agressor não aceitava o fim do relacionamento e ameaçava sua irmã de morte. Contudo, é o discurso direto que afeta o leitor, que produz empatia com o agressor diante dos relatos do pai e da irmã que indiciam que o comportamento do agressor era “por amor”. A reportagem é iniciada assumindo tal significação quando afirma que “Depois de atentar contra a vida de sua ex-companheira *Sete Couro* resolveu por um fim na sua própria vida com um tiro na testa”. Dando a entender que o suicídio foi um ato impensado. Mas o leitor atento verifica no fragmento da fala do pai do agressor que o crime foi premeditado, uma vez que o agressor “comentava com os amigos que poderia matar Rosimeire a qualquer momento e depois se mataria. Afinal ele não aceitava de jeito nenhum a separação”.

Já na reportagem cuja agressão foi cometida por uma mulher a construção da notícia ocorre de forma a evidenciar a gravidade do crime cometido e, ao contrário da empatia produzida pelo agressor na primeira reportagem, nesta produz-se uma indignação diante da “mulher possuída de ciúmes doentios”, “mulher enfurecida” que mata o marido dormindo. Tal



linguagem não é utilizada na notícia sobre o homem que mata a mulher que tirava roupa do varal.

Na reportagem cuja agressora era uma mulher o texto não segue a estrutura padrão do texto jornalístico. O primeiro parágrafo relaciona o crime a ser noticiado aos muitos homicídios ocorridos na cidade de Marabá. Esse discurso constrói no leitor o sentimento de indignação diante da violência na cidade. Sua leitura será orientada por essa indignação. Na sequência são dadas as informações sobre o crime com adjetivações sobre a agressora assentadas no discurso médico (ciúme doentio) e religioso (possuída de ciúme), bem como deixam o subentendido do descontrole, da histeria (mulher enfurecida).

Quadro 04: Análise das reportagens do ano de 2016.

Características do texto	Homem agressor	Mulher agressora
Imagens na reportagem	Imagem do agressor algemado.	Imagem da agressora sentada no chão com o corpo banhado em tinta branca. Ao lado imagem da lesão provocada pela bala na vítima.
Estrutura do texto	Reportagem inicia comparando os dois casos “As duas não se conheciam, mas a história delas, assim como a de muitas mulheres, são semelhantes já que ambas foram atacadas pelos próprios companheiros”. Em seguida apresenta informações sobre o crime: Quando, onde, quem, como, por que. Relatos de parentes e da polícia. Informações sobre a abertura do inquérito.	Reportagem inicia com informações sobre o crime: quando, onde, quem, como, por que. Relatos da polícia. Informações sobre a abertura do inquérito
Nível discursivo	Uso do discurso relatado. A narrativa é constituída de discurso indireto a partir dos relatos produzidos por parentes das vítimas e de policiais.	Uso do discurso relatado. A narrativa é constituída de discursos indiretos e diretos, a partir dos relatos produzidos por policiais e da agressora.
Caracterização do/a agressor/a	Nome, apelido, “companheiro”, “acusado” /nome, o homem”, “suspeito” ⁷ .	Nome, “a mulher”.
Antecedentes	Violência doméstica, vítima queria se separar/ não informado.	Violência doméstica, discussão, embriaguez.

⁷ A reportagem noticia dois crimes: um de feminicídio e outro de tentativa de homicídio.

Nas reportagens do ano de 2016 cujos agressores foram homens observa-se que a notícia não se inicia pela estrutura padrão, mas com uma comparação entre os casos de feminicídios e tentativa de homicídio e o autor do texto ressaltando que “As duas não se conheciam, mas a história delas, assim como a de muitas mulheres, são semelhantes já que ambas foram atacadas pelos próprios companheiros”. Essa organização discursiva evoca no leitor a empatia, pois localiza as vítimas em uma posição de fragilidade e dentro de um grupo maior de vítimas de violência. O uso do adjetivo “próprio” contribui para evocar a indignação dos leitores porque há um pressuposto de que “companheiro/a” age a favor e não contra, não cabendo no campo de significação do termo a agressão. Os casos são apresentados como uma recorrência. E essa recorrência é questionada pelo autor do texto (assim como a de muitas mulheres).

Somente depois são apresentadas as informações sobre os dois crimes. O texto se estrutura a partir do discurso indireto com relatos de parentes e da polícia. A reportagem informa que a vítima de feminicídio “vinha sofrendo agressões frequentes em decorrência de violência doméstica e pretendia se separar do acusado o que pode ter motivado a morte”. Interessante notar que mesmo o crime tendo sido presenciado por várias pessoas o agressor é qualificado como suspeito. Sobre a tentativa de homicídio, também relatada nessa reportagem, há poucas informações. Mas, da mesma forma que no caso do feminicídio, o agressor atirou na sua companheira diante de várias testemunhas, foi preso “visivelmente alterado psicologicamente”, mas é reportado como “suspeito”.

Já na reportagem cuja agressora é uma mulher o texto é iniciado com a apresentação das informações sobre o crime. A notícia se organiza a partir dos discursos direto e indireto, com relatos produzidos por policiais e pela agressora. Essa é reportada em toda a matéria como “a mulher”. Os fragmentos da fala do policial orientam o leitor a interpretar que a mulher agiu em legítima defesa, posto que havia registro de ocorrência de violência doméstica entre o casal, a mulher encontrava-se toda suja de tinta e afirmou ter atirado no meio de uma briga com o companheiro para se defender.

Observa-se que a linguagem das reportagens do ano de 2006 diferem da linguagem das reportagens do ano de 2016. Não se observa em 2016 o uso de mecanismos linguísticos que distinguem o ato de violência em função do sexo do agressor. Em 2006 vimos que os crimes foram cometidos pelas mesmas motivações, mas as escolhas linguísticas na construção da reportagem orientavam sentidos que amenizavam o crime cometido pelo homem e evocavam



comoção do leitor diante do crime cometido pela mulher.

Considerações finais

A investigação sobre os discursos produzidos sobre a violência contra a mulher e as masculinidades, que são produzidos e veiculados em um jornal de circulação regional da cidade de Marabá, tal como o jornal Correio do Tocantins-Correio de Carajás, contribuiu para compreendermos que as expectativas sobre o ser “homem” ou “mulher” são construídas e modificadas socialmente e são as exigências sociais sobre assumir esses papéis que, em muitas situações, atuam coercitivamente sobre os sujeitos.

O esforço analítico empreendido neste trabalho seguiu o enfoque discursivo cuja análise exigia o exame dos “fundamentos e mecanismos linguístico-discursivos de um acontecimento ou experiência transformativos” (DUNKER, PAULON; MILÁN-RAMOS, 2016, p. 23). Observou-se que os discursos produzidos nos títulos e nas reportagens em si contribuem para o fortalecimento de sentidos hegemônicos sobre o masculino com a naturalização da violência masculina e a vitimização de mulheres e construção do absurdo sobre a violência cometida por mulheres.

A concepção do masculino como sujeito da sexualidade e o feminino como seu objeto é um valor de longa duração da cultura ocidental. Na visão arraigada no patriarcalismo, o masculino é ritualizado como o lugar da ação, da decisão, da chefia da rede de relações familiares e da paternidade como sinônimo de provimento material: é o “impensado” e o “naturalizado” dos valores tradicionais de gênero (MINAYO, 2005, p. 23-24).

Por fim, nos utilizamos da análise de conteúdo a fim de refletir sobre os efeitos de sentidos produzidos nas reportagens sobre a violência contra mulher e a reificação de um modelo de masculinidade hegemônica nas matérias do ano de 2006 e uma mudança no padrão discursivo nas reportagens de 2016, nas quais as masculinidades hegemônicas foram questionadas a partir das questões levantadas sobre os atos de violência cometidos contra as mulheres e a forma como as violências cometidas por mulheres foram noticiadas sem o uso de recursos linguísticos que produzem diferenciação entre os atos de violência em função do sexo.

Referências

ADRIÃO, Karla Galvão. “Sobre os estudos em masculinidades no Brasil: revisitando o campo”. *Cadernos de Gênero e Tecnologia*, vol.1, n.3, p. 1-20. 2005.

ALONSO, A. “Métodos qualitativos de pesquisa: uma introdução”. In: ABDAL, Alexandre.; OLIVEIRA, Maria Carolina Vasconcelos; GHEZZI, Daniela Ribas; SANTOS JÚNIOR, Jaime . (Org) *Métodos de pesquisa em Ciências Sociais: Bloco Qualitativo*. São Paulo: Sesc / CEBRAP, 1997. p. 8-23.

BARDIN, Laurence. *Análise de conteúdo*. Lisboa: Edições 70, 1997.

BRASIL. Presidência da República. Lei nº 11.340/06 de 07 de agosto da Presidência da República. *Diário Oficial da União* de 08 de agosto de 2006. Acedido a 01 set. 2020. Disponível em http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2004-2006/2006/lei/111340.htm Acesso em 16 de setembro de 2019.

COELHO, Sandra Maria Pinheiro de Freitas; CARLOTO, Cássia Maria. “Violência doméstica, homens e masculinidades”. *Revista Textos & Contextos*, vol.6, n. 2, p. 395-409. 2007.

COSTA, R. G. (2002). “Mediando oposições: sobre a crítica aos estudos de masculinidades”. In: ALMEIDA, H. B. et al. (Orgs.). *Gênero em matizes*. São Paulo: Universidade São Francisco, 2002. p. 213-241. (Coleção Estudos CDAPH. Série História & Ciências Sociais).

CHARAUDEAU, Patrick. *Discurso das Mídias*. São Paulo: Contexto, 2006.

DUNKER, Christian Ingo Lenz; PAULON, Clarice Pimental; MILÁN- RAMOS, J.Guillermo. *Análise psicanalítica de discursos: perspectivas lacanianas*. São Paulo: Estação das Letras e Cores, 2016.

LOURO, Guacira Louro. *Gênero, sexualidade e educação: uma perspectiva pós-estruturalista*. Petrópolis: Vozes, 1997.

MINAYO, Maria Cecília de Souza. “Laços perigosos entre machismo e violência”. *Ciência & Saúde Coletiva*, vol.10, n.1, p. 18-34. 2005.

ORGANIZAÇÃO DAS NAÇÕES UNIDAS (ONU). *Declaração sobre eliminação da violência contra mulher* [Internet]. 48a. Sessão Ordinária da Assembleia Geral das Nações Unidas, 1993- 21 de setembro de 1993 a 19 de setembro de 1994, Nova York, EUA. Nova York: ONU. Disponível em <https://popdesenvolvimento.org/publicacoes/temas/descarregar-ficheiro.html> Acesso em 20 de agosto de 2019.

SCOTT, Joan. “Gênero: uma categoria útil de análise histórica”. *Educação & Realidade*, vol. 20, n. 2, p.71-99. 1995.